

VTP = INVEST

VISION, THEORY & PRACTICE

SHORT STUDIES SERIES

ART ECONOMICS

No. 05 / 2026

Duas Culturas: Arte e Economia

PAULO TENANI

AUGUST 2026

ISSN 3086-7320

DOI

10.5281/zenodo.22036259



DUAS CULTURAS: ARTE E ECONOMIA

Paulo Tenani¹²

RESUMO

Existe um distanciamento significativo entre as Culturas da Arte e da Economia; que resulta de diferenças em definições, métodos e expectativas. O objetivo deste capítulo é analisar quatro convenções amplamente aceitas dentro destas comunidades, que não apenas ilustram as duas Culturas como também apontam diferenças e pontos de contato. À primeira vista, as diferenças parecem irreconciliáveis; como se as duas Culturas pensassem em idiomas diferentes. Porém, nos pontos de contato existe um espaço interdisciplinar que convida à cooperação e cria oportunidades para importantes descobertas.

Palavras-chave: cultura; arte; economia; Duchamp; aura; doações; subsídios, descomissionamento; “dismal science”; análise custo-benefício, mercados eficientes.

¹ FGV Invest, Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas

² Gostaria de agradecer a ajuda de Marta Inês Rodrigues Pereira, Martin Rahal, Giuliana Klotz, Higor Borges, Octavio Eurício Álvaro, Rosana Boaventura e ao grupo de Finanças e Monetária do FGVInvest, da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas.

INTRODUÇÃO

“Nenhum grande artista vê as coisas como elas realmente são. Se o fizesse, deixaria de ser um artista.”³ Oscar Wilde

“Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles tem com seus próprios interesses.”⁴ Adam Smith

Em seu famoso ensaio de maio de 1959, “As Duas culturas”, o renomado físico-químico e novelista, Charles Percy Snow, lamentou a incompreensão mútua que separava duas importantes culturas da sociedade moderna: a cultura científica e a cultura literária tradicional. Na opinião de Snow, estas culturas tinham pouquíssimos pontos de contato e nenhuma delas conhecia as virtudes da outra. Pior, elas nem mesmo se esforçavam para conhecer.

Snow também acreditava que a atitude de cientistas e literatos já havia se tornado tão diferente que, mesmo no nível das emoções, não existia mais um campo comum. Na verdade, se um campo comum existisse, ele seria o da hostilidade. Além do mais, na opinião de Snow, a incompreensão entre as culturas “estava se aprofundando diante de nossos olhos”, e cientistas, quando confrontados com expressões da cultura tradicional, “sentiam dor no pé”⁵, enquanto os literatos simplesmente desconsideravam matemáticos e físicos como sendo parte da intelectualidade.

Nos dias de hoje, algo semelhante acontece com outras duas culturas modernas: aquela da Arte e da Economia. O problema não é tão grave quanto o apontado por Snow pois existem pontos de contato—como por exemplo o estudo de Economia da Arte. As duas culturas também se conhecem e, em certo sentido, se respeitam.

Porém existe distanciamento. E diferenças de definições, métodos e expectativas resultam em inúmeras incompreensões. Quando Snow se referiu ao distanciamento entre as culturas científica e literária ele afirmou: “... uma perda total para todos nós. Para nós como pessoas e para nossa sociedade. Uma perda prática, intelectual e criativa”⁶. Pois as palavras de Snow também se aplicam ao distanciamento entre as culturas da Arte e da Economia.

Mas o que seriam as culturas da Arte e da Economia? Em que sentido existem pontos de contato e em que sentido existe distanciamento?

Responder a estas questões é o objetivo deste capítulo. E as citações de Oscar Wilde a Adam Smith, mencionadas logo de início, apontam, uma direção

Na visão do escritor Oscar Wilde um artista que visse a realidade exatamente como ela é, deixaria de ser artista. É como se o artista tivesse que viver distante das questões do dia a dia, em um mundo abstrato e intangível.

Por outro lado, a citação do pai da economia, Adam Smith, vem carregada de realidade: o açougueiro, o cervejeiro, o padeiro, cada um cuidando do seu dia a dia e olhando por seu interesse pessoal.

Artistas sonhadores e economistas pé no chão?

Talvez. Como uma primeira aproximação. Mas existem outras importantes diferenças que serão mais bem analisadas nas seções a seguir.

O capítulo é estruturado da seguinte maneira. A seção 2 traz uma breve descrição da cultura da Arte enquanto a seção 3 cobre a cultura da Economia. A seção 4 é uma discussão sobre as diferenças e os pontos de contato entre as duas culturas, enquanto a seção 5 conclui.

³ Tradução livre do Autor. No ingles original: “No great artist ever sees things as they really are. If he did, he would cease to be an artist.”

⁴ Tradução livre do Autor. No ingles original: “It is not from the benevolence of the butcher, the brewer, or the baker that we expect our dinner, but from their regard for their own interest.”

⁵ C. P. Snow (1956)

⁶ C. P. Snow (1959)

A CULTURA DA ARTE

Assim como em outras áreas do conhecimento, a Arte possui um conjunto de convenções que ilustram sua cultura. E o livro de 2008 de Hans Abbing – um artista que também é economista – é uma importante referência.

Abbing, usa o termo “jogos”, e algumas vezes “regras”, para referir-se a estas convenções e adverte que, mesmo que pareçam irracionais - como, talvez ache um economista – elas devem ser seguidas com naturalidade e sem grandes questionamentos. Em suas palavras “... todos estes jogos são extremamente sérios. É preciso acreditar em sua importância e em suas possíveis recompensas. Os jogos não podem ser jogados conscientemente e deliberadamente”⁷.

O texto de Abbing discute inúmeras destas convenções e, o contraste entre seu lado artista e seu lado economista tornam o livro, uma leitura muito instrutiva.

No entanto, para os objetivos deste capítulo o foco será em apenas quatro destas convenções, todas elas amplamente aceitas na comunidade da Arte e caracterizando sua cultura. Elas são as seguintes: a) “Arte é o que os artistas chamam de arte” b) “A Arte possui uma aura”, c) “A Arte tem um lugar de destaque no direcionamento de doações e subsídios”, d) “A Arte que é doada não pode ser vendida”.

“Arte é o que os artistas chamam de Arte”

Começamos com a própria definição de Arte.

Uma definição amplamente aceita e que remete ao artista conceitual Marcel Duchamp (1887-1968) e seus “ready-mades” é que “Arte é aquilo que os artistas chamam de Arte”.

Definição incomum, não?

Bastante. Note o contraste com a definição de Física: “a ciência que estuda a estrutura da matéria e as interações entre os constituintes fundamentais do universo observável “. Ou a definição de Sociologia “uma ciência social que estuda as sociedades humanas, suas interações e os processos que as preservam e modificam”⁸.

Comparada a estas duas definições, a definição “duchampiana” de Arte não é apenas incomum como também é genérica. Parece que nela cabe tudo!

Por exemplo, Arte pode ser tanto uma pintura de Leonardo da Vinci – com o que, possivelmente, todos concordariam - como também uma latinha de excremento humano – a famosa “Merda d’ Artista”⁹, do provocador Piero Manzoni – com o que, possivelmente, haveria discordância.

Werlang, em seu texto de 2024, traz uma variante desta definição “duchampiana” quando discute as teorias institucionais da Arte. Nesse caso, Arte seria “...aquilo que um grupo de pessoas ‘que entende de arte’ acha que é arte”¹⁰.

Ou seja, na definição institucional mencionada por Werlang, o que é Arte não dependeria tão somente da palavra do artista, mas sim de todo um grupo de entendidos. Portanto, artistas, colecionadores, curadores, consultores, críticos de arte, galeristas entre vários outros entendidos, teriam voz para definir o que pode, ou o que não pode, ser Arte; com a ressalva de que alguns entendidos têm mais voz do que outros.

⁷ Abbing (2008), página 38.

⁸ Ambas as definições foram tiradas da Enciclopédia Britânica, última atualização em 09 de dezembro de 2024

⁹ Em 1961, o artista italiano Piero Manzoni criou uma série de 90 latinhas, com dimensões de 4.8 cm por 6 cm, com 30 gramas de suas próprias fezes. Todas as latinhas foram numeradas e assinadas por Manzoni e possuem rótulos em quatro idiomas dizendo: ‘Conteúdo: 30 gr. Líquidos; recém preservados e enlatados em maio de 1961’. Hoje em dia, as latinhas de Manzoni comandam um preço elevado no mercado de Arte; bem mais do que o equivalente a 30g de ouro que Manzoni pretendia cobrar. Por exemplo, em 2003 a latinha número 77 foi leiloadada por 27.000 dólares e em 2016, a latinha número 69 foi leiloadada por 250.000 euros. Existem também latinhas de Manzoni no acervo de vários museus, entre eles o Tate Modern em Londres. Ver Galenson (2006).

¹⁰ Werlang (2024), página 4

De qualquer maneira, qualquer que seja a definição mais apropriada de Arte – o que o artista, ou o grupo de entendidos, define como Arte - o consenso nos dias de hoje é que tanto a pintura de da Vinci como a “Merda d’Artista” de Manzoni são considerados Arte.

“A Arte possui uma aura”

Uma segunda convenção amplamente aceita é que a Arte possui um status elevado na sociedade. Ou, nas palavras do filósofo Walter Benjamim, a Arte possui uma “aura”¹¹. A Arte, afinal, seria a portadora dos valores mais básicos de uma civilização. E seria através da Arte que estes valores se manifestariam e suas transformações seriam representadas.

As palavras de Abbing são ilustrativas deste ponto: “a Arte é um tesouro que consiste em quase tudo de valor que nossos ancestrais deixaram para nós. Ela representa o passado acumulado. E é esta qualidade que acrescenta a sacralidade assumida da Arte. Artistas, preservam este tesouro e acrescentam a ele. E como a Arte representa valores superiores, ela é admirada”¹².

Que a Arte possui uma aura, pode ser também constatado no silêncio reverencial com que as pessoas visitam museus e galerias para observar as obras. Ou pela experiência puramente ascética que uma obra proporciona; totalmente separada da vida cotidiana. Ou pelo fato de que a Arte é usualmente cara, de difícil acesso e consumida por aqueles que conseguem se elevar acima das necessidades do dia a dia. Todos estes aspectos vão na direção de colocar a Arte em um pedestal e de lhe reservar uma posição de destaque na sociedade.

A aura da Arte é também parcialmente transferida aos artistas. Ao preservarem “o tesouro”, os artistas agem como sacerdotes do templo da Arte e adquirem um lugar de destaque na sociedade. Neste sentido, artistas de cinema, música, literatura e artes plásticas, entre vários outros, exercem forte influência sobre seu rebanho; e não somente no que diz respeito a Arte.

“A Arte tem um lugar de destaque no direcionamento de doações e subsídios”

Talvez devido a sua aura, o setor de Arte é bem menos dependente do mercado do que outros setores mais tradicionais da economia. E isto acontece porque grande parte dos recursos direcionados a Arte chegam através de doações privadas e subsídios governamentais; e não através da compra e venda a preços de mercado.

Os números são ilustrativos. De acordo com Abbing (2008), 85% da renda gerada em música clássica, dança e teatro - tanto na Europa Continental, quanto no Reino Unido e nos Estados Unidos - vem de doações e subsídios governamentais. Por sua vez, na literatura e nas artes visuais, as doações e subsídios são consideravelmente menores, mesmo assim, ainda substanciais, representando ao redor de 30% da renda. Para o caso específico de museus, um estudo dos alunos da FGV EESP ilustra que, entre 2021 e 2023, as doações e subsídios foram em média 62% das receitas do Tate Modern, no Reino Unido, e 67% da receita do Malba, na Argentina; com um resultado parecido para Museus no Brasil.

Abbing também faz uma comparação entre artistas e clérigos para ilustrar o papel das doações na Arte. Ele escreve: “Comparado com profissões que requerem um nível parecido de treinamento, artistas são aqueles que recebem a menor parte de sua renda do mercado e a maior de doações. Existe uma exceção: o clero; apenas reverendos e padres recebem mais renda de doações do que os artistas”¹³.

Doações privadas, assim como as trocas no mercado, têm em comum o fato de serem uma cooperação voluntária entre pessoas e instituições. Afinal, ninguém é forçado a doar ou a transacionar no mercado. Neste sentido, doações e trocas se distinguem da obrigação compulsória de pagar impostos; fonte de onde surgem os subsídios governamentais.

¹¹ Benjamim (1935), página 170

¹² Abbing (2008), páginas 25 e 26

¹³ Abbing (2008), página 40

Como a Arte recebe um montante extraordinário de doações privadas e de subsídios governamentais, a cultura da Arte acaba por ter um pé no voluntário e o outro no compulsório. Isto, muitas vezes, resulta em tensões não resolvidas. No entanto, o que se pode dizer é que, convencionalmente, a cultura da Arte não é uma cultura de mercado.

“Arte que é doada não pode ser vendida”

Doações e transações de mercado têm em comum o fato de ambas serem uma forma de cooperação voluntária e não compulsória. No entanto, enquanto as transações de mercado são motivadas por ganhos materiais, as doações têm critérios bem diferentes; e estão vinculados a construção de relacionamentos, cumprimento de obrigações rituais ou a melhoria do status social. E doar a museus - instituições cujo objetivo é colecionar, conservar e expor o patrimônio da sociedade – cumpre com todos estes critérios.

Mas uma obra de arte doada para a sociedade pode ser depois vendida? Ou, na linguagem do mercado, uma obra de arte pode ser “descomissionada”?

O renomado curador Francesco Bonami, em uma entrevista para a Artnews¹⁴ tem uma resposta que é amplamente aceita pela comunidade da Arte:

“Depende claramente de qual é a coleção do museu e do que ele tem. Não vejo nada de errado em vender obras com alto valor de mercado e que a coleção considera redundante. Os fundos levantados com as vendas, se não puderem ir diretamente para novas aquisições devem pelo menos ir para um fundo patrimonial para programação, e não para pagar contas de luz. Eu certamente acho que, antes de decidir vender seus ativos de coleção, o museu deve primeiro reduzir outros custos exagerados e talvez cancelar uma expansão inútil, por exemplo, caso se estiver planejando uma; porque é uma contradição vender parte de sua coleção enquanto você está planejando expandir”

Ou seja, a convenção na comunidade da Arte é que as obras doadas para a sociedade não devem ser consideradas um ativo negociável financeiramente. Neste sentido, museus devem evitar descomissionar e, nos casos específicos em que isto se faz necessário, os recursos devem ser utilizados para adquirir novas obras; e não financiar expansões ou gastos correntes.

A CULTURA DA ECONOMIA

Uma vez analisadas quatro das convenções que caracterizam a cultura da Arte, é hora de analisar a cultura da Economia. Aqui as referências principais são Friedman (1953), Mundell (1968) e Colander (2008).

Contrariamente ao que acontece com as Artes, a Economia é uma área de conhecimento que surgiu mais recentemente. Sua primeira grande obra, A Riqueza das Nações de Adam Smith, data de 1776 e as importantes contribuições de Walras, Marshall e Pareto são da segunda metade do século XIX e primeira do século XX.

A Economia é também uma, dentre as várias áreas das humanidades. Porém, ela se destaca pela maior, e alguns diriam excessiva, matematização dos argumentos. E isto ocorre porque a hipótese básica da Economia, a de que as pessoas procuram fazer o melhor para si dadas as restrições do seu dia a dia - também chamada de hipótese do “homo economicus” – é um convite para a aplicação de Cálculo Diferencial.

Neste sentido, e aqui repetindo as palavras de Snow ao início do capítulo, a “dor no pé”, que os cientistas sentem quando confrontados com expressões da cultura literária tradicional, talvez seja menor com as expressões da Economia.

Por outro lado, quanto aos artistas sentirem “dor no pé” com as expressões dos economistas, ou vice-versa, isto será mais bem ilustrado depois da análise da cultura dos economistas.

¹⁴ ARTnews, 02 de novembro de 2020 3;25pm

Esta seção é organizada em quatro subseções, cada uma discorrendo sobre alguma convenção que rege a cultura da Economia. São elas: a) “A Ciência Sombria” b) “Eficiência ao invés de Perfeição”; c) “Análise Custo-Benefício”, d) “O Mercado é eficiente – sob certas condições”.

“A Ciência Sombria”

Uma definição amplamente aceita é que a Economia “é o estudo do comportamento humano com relação a alocação de recursos escassos entre fins alternativos”¹⁵. Esta é uma definição bastante objetiva, muito similar àquelas da Física e Sociologia examinadas na seção anterior; e que também contrasta com a definição de Arte.

Uma coisa a notar é que a definição trata de “recursos escassos”; situação frequentemente relacionada a escolhas que resultam em ganhos e perdas, além de conflitos.

Por este motivo, a Economia é também conhecida como a “Dismal Science”, ou “Ciência Sombria”, um termo utilizado pela primeira vez por Thomas Carlyle em 1849 e que acabou por ser amplamente aceito.

Na verdade, uma leitura atenta dos clássicos da economia, justifica o adjetivo “sombrio”. Thomas Malthus era um pessimista com o crescimento populacional e a produção de alimentos; enquanto David Ricardo acreditava em uma lei de ferro que mantinha os salários baixos e um equilíbrio de longo prazo com pouco crescimento. Marx, por sua vez, enfatizava a luta de classes e revoluções.

Este lado sombrio da Economia é também agravado pela hipótese de extrema racionalidade do “homo-economicus”; hipótese que é amplamente aceita, e celebrada, pela comunidade dos economistas. E isto é bem ilustrado na seguinte afirmação de Thorstein Veblen:

“A economia assume que o ser humano é egoísta e ganancioso, um relâmpago calculador de prazeres e dores, que oscila como um glóbulo homogêneo de desejo e felicidade sob o impulso de estímulos que o deslocam pela área, mas o deixam intacto”¹⁶.

Ou seja, a Economia, ao tratar da escassez e assumir o homo-economicus, está longe de ser uma “gay science”; ou “ciência feliz”.

“Eficiência ao invés de perfeição”

Uma segunda coisa a notar na definição de Economia, é que ela trata do estudo da alocação “eficiente” dos recursos escassos e não da alocação “perfeita”. Na verdade, para o economista, a perfeição pode ser um objetivo muito custoso de se perseguir. Simplesmente não vale a pena.

Um exemplo pode ser ilustrativo.

Vamos tratar da despoluição do Rio Tietê na cidade de São Paulo.

Neste caso, a solução “perfeita” é relativamente fácil de definir: um rio absolutamente limpo, com águas transparentes, peixes nadando, jardins ao redor, um cheiro agradável, barcos navegando. Um resultado idílico em que poderíamos novamente assistir as competições de remo e nado, como aqueles promovidas pelo clube Espéria em um passado distante. São Paulo seria, sem sombra de dúvida, uma cidade muito mais linda e agradável de se viver; como já foi um dia.

A solução “eficiente”, por outro lado, pode resultar em algo bastante distinto.

Veja como pensaria o “homo-economicus”, este “relâmpago calculador de prazeres e dores”

¹⁵ Robbins (1932), página 16.

¹⁶ Veblen (1898), página 73

Se o custo marginal de despoluir absolutamente o rio Tiete fosse de 5% do PIB de São Paulo, para um benefício marginal¹⁷ de apenas 0.3% do PIB, a despoluição do Tiete teria sido excessivamente cara. Haveria mais perdas do que ganhos e a cidade estaria pior, e não melhor, com o rio despoluído!

Pois para o homo-economicus, a solução eficiente seria aquela que igualasse os custos com os benefícios marginais de despoluir o Tiete.

Por exemplo, se ao custo marginal de 1% do PIB de São Paulo, o Tiete fosse 20% despoluído, e isso resultasse em um benefício marginal de 1% do PIB, esta seria a despoluição eficiente – a que daria o maior ganho de bem-estar para a população. Gastar um pouco mais com a despoluição do rio, aumentaria o custo marginal para 1.1% do PIB, para um benefício marginal menor, de 0.9% do PIB. Os custos seriam maiores que os benefícios marginais, e a cidade estaria pior. Não valeria a pena! Despoluir o rio em 20% seria a solução eficiente.

Porém, despoluir o Tiete em 20%, está muito distante da solução perfeita e idílica mencionada acima, certo?

Com certeza

Mas não se desespere.

Pois, dependendo da tecnologia, dos gostos da população e inúmeros outros fatores que determinam os custos e os benefícios marginais, poderíamos chegar a uma outra solução “eficiente”; talvez mais próxima da solução “perfeita”.

Este seria ao caso se, por exemplo, ao custo de 3% do PIB, 90% do Rio pudesse ser despoluído; e isto também resultasse em um benefício marginal de 3% do PIB para a população da cidade.

Ou seja, dependendo das circunstâncias – ou dos parâmetros no linguajar dos economistas – a solução “eficiente” pode estar mais perto ou mais distante da solução “perfeita”. A questão a ser feita é: em qual destas circunstâncias se encontra a cidade de São Paulo?

O que é importante destacar é que a solução “eficiente” implica em algum nível de poluição do rio Tiete; enquanto a solução “perfeita” não¹⁸. O quão distante estão estas duas soluções – a perfeita e a eficiente – é a medida do quão sombria a Economia pode ser.

“Análise Custo-Benefício”

James Naismith pode ter inventado o Basketball. Mas o melhor jogador deste esporte foi, sem sombra de dúvida, Michael Jordan.

Algo parecido acontece com a Economia. Pode ter sido Adam Smith que inventou a “ciência sombria”. Mas o seu maior astro foi Alfred Marshall.

Marshall (1842-1924), contribuiu com inúmeras inovações no campo da Economia, entre elas os conceitos de elasticidade, excedente do consumidor, definição de curto, médio e longo prazos, equilíbrio parcial, entre várias outras. Um verdadeiro craque! Porém, uma de suas contribuições mais importantes

¹⁷ Benefícios. muitas vezes, são mais difíceis de medir do que custos. Porém, quando existe um mercado, a solução é simples: o benefício marginal é exatamente o preço pago pelo produto. Neste sentido, ao comprar-se uma Coca-Cola por R\$5 reais, fica claro que o benefício marginal é exatamente R\$5. Se fosse maior, comprar-se-ia uma segunda garrafa e, se fosse menor a primeira garrafa não seria comprada. Algo parecido acontece com uma obra de arte quando existe mercado: o preço revela o benefício. Porém, no caso do Rio Tiete, não existe um mercado para a despoluição do Rio e o benefício marginal deve ser estimado – algo que em várias circunstâncias também ocorre no setor da Arte. Existem maneiras indiretas disso ser feito e os economistas são bastante engenhosos. Porém, se, por exemplo, um mercado fosse criado para a despoluição do rio Tiete, de maneira que as pessoas desejosas de usufruir do Rio tenham que pagar por este direito, para as pessoas que poluem o Rio – ou vice-versa- o mercado igualaria custos e benefícios marginais; o que resultaria em um nível de poluição eficiente do rio. Este resultado é conhecido em Economia como Teorema de Coase. Ver Coase (1960).

¹⁸ Importante notar que, independentemente da dificuldade de medir custos ou benefícios – como acontece com a despoluição do Tiete e o setor da Arte – a solução “eficiente” é diferente da solução “perfeita. Na verdade, a solução eficiente, a preferida dos economistas, sempre admite alguma imperfeição; que pode ser maior ou menor dependendo das circunstâncias.

foi o aprimoramento da Análise Custo-Benefício; um instrumental que viria a ser amplamente utilizado pelos economistas.

Através da análise Custo-Benefício, é possível classificar diferentes alternativas. Por exemplo, existe uma melhor alternativa (o primeiro ótimo na linguagem dos economistas), uma segunda melhor alternativa (ou o segundo ótimo), uma terceira melhor (o terceiro ótimo), e assim por diante.

Cabe dizer que não são todas as profissões que desenvolvem esta habilidade. Em verdade, para muitas pessoas, quando a primeira opção se mostra inatingível, elas não sabem exatamente como agir. Muitas vezes acabam por não tomar decisão alguma, terminando com a pior alternativa de todas.

Economistas, por sua vez, são hábeis em classificar opções. E, graças a Marshall, eles possuem uma metodologia apropriada para escolher entre o eficiente e o cada vez menos eficiente.

Em um mundo lotado de restrições, onde o que se almeja é muitas vezes inatingível, esta habilidade é um importante diferencial. Porém, talvez também seja- e usando novamente as palavras de Snow - uma fonte de enorme “dor no pé” para os não economistas

“O Mercado é eficiente – sob certas condições”

Economistas entendem o Mercado como uma máquina eficiente de processar informações, de coordenar pessoas e de alocar recursos. Na visão de Friedrich Hayek, o Mercado é um sistema de ordens sem comando, em que as pessoas cooperam umas com as outras, sem nem mesmo saber que estão cooperando.

É através dos sistemas de preços de mercado, que um aumento na demanda por lápis nos Estados Unidos é transmitida, via aumento de preços, para os produtores de grafite no Chile e de madeira no Canadá; coordenando diferentes agentes, em diferentes países, para aumentar a produção e atender a demanda¹⁹.

É também através do sistema de preços de mercado que, produtores e consumidores equalizam custo marginal a benefício marginal, condição necessária para uma alocação eficiente dos recursos.

Para um economista, os sinais enviados pelo Mercado são de enorme importância. Se, num determinado ano, a demanda pelo seu produto ou pelo seu trabalho diminui, você está recebendo um sinal. Deveria prestar bastante atenção. Se a mesma coisa acontece num segundo ano, talvez seja a hora de repensar seriamente o que você está fazendo.

Por outro lado, em parte por respeitar o Mercado demasiadamente, os economistas tendem a ser muito críticos sobre outros mecanismos de alocação. Políticas públicas são um alvo preferido. Afinal, por que é necessária uma lei obrigando toda a população a mudar as tomadas de suas casas para um certo formato específico? Se este formato fosse assim tão bom, as pessoas não fariam isso voluntariamente, via mercado? Ninguém precisou de uma lei para convencer as pessoas a comprarem um celular com câmera, certo?

A mesma crítica acontece com relação a subsídios. A Teoria econômica é bastante clara sobre quais são as circunstâncias em que um subsídio é apropriado. E elas não são muitas. Nos outros casos, a pergunta permanece: se aquele setor fosse assim tão merecedor de um subsídio, por que o mercado não reconheceu?

Milton Friedman tem uma ótima frase que bem resume a desconfiança com que os economistas veem as políticas públicas. Nas suas palavras: “Nada é mais permanente do que um programa temporário do governo²⁰”.

¹⁹ Este exemplo, baseado no texto de 1958, “I Pencil” de Leonard Read foi gravado por Milton Friedman em sua série televisiva “Free to Choose” em 1980. Como curiosidade, cabe destacar que este é um exemplo bastante utilizado nos cursos de Microeconomia para ilustrar o funcionamento do Sistema de Preços de Mercado. Ver Read (1958).

²⁰ Friedman (1984), página 115.

AS DUAS CULTURAS

Portanto, duas culturas.

De um lado, a Cultura da Arte, (i) com sua definição ampla do que vem a ser arte, (ii) com uma aura quase sagrada que a faz transcender a mediocridade do dia a dia e transforma artistas em sacerdotes do templo da Arte, (iii) com um lugar de destaque no direcionamento de doações e subsídios, (iv) e, por fim, tão pouco sujeita às forças de mercado, que até mesmo prega que aquilo que é doado não deve ser vendido.

Do outro lado, a Cultura da Economia. (i) a ciência sombria que lida com escassez e conflitos, (ii) que não procura o perfeito, mas apenas o eficiente, (iii) que lida com a imperfeição; e também a classifica (iv) e com uma crença tão forte no Mercado, que duvida de todos outros métodos de alocação.

À primeira vista, as duas culturas parecem irreconciliáveis. As diferenças vão muito além dos “artistas sonhadores e economistas pé no chão” mencionadas na introdução deste capítulo. São diferenças de métodos, de objetivos e de expectativas. São duas culturas que simplesmente pensam em idiomas diferentes.

Pois estariam estas duas culturas fadadas à incompreensão e distanciamento; como as culturas referidas por Snow?

Quem sabe?

Porém, apesar das diferenças, existem pontos de contato.

Por exemplo. Apesar da maior parte do setor da Arte se beneficiar de doações e subsídios, uma menor parte – porém significativa – está voltada ao mercado. E, neste caso, as leis da oferta e demanda, clamam por eficiência; e não perfeição. A área de Economia da Arte surge deste ponto de contato; e ilustra importantes contribuições que podem ser obtidas da cooperação entre as duas culturas.

Um segundo ponto de contato é que perfeição e eficiência não são conceitos excludentes. Na verdade, eficiência pode ser pensada como uma forma de perfeição: o melhor que pode ser feito; mas sujeito a restrições.

Uma das diferenças entre as Culturas da Arte e Economia é que a primeira foca no “melhor” enquanto a segunda nas “restrições”. Neste sentido, quando o “melhor” e as “restrições” estão muito distantes, as duas Culturas terão dificuldades em dialogar. Voltando ao exemplo da despoluição do rio Tiete, este seria o caso em que a despoluição eficiente fosse de apenas 20%. Sem a ajuda de um intérprete experiente, o diálogo entre as duas Culturas seria muito difícil nestas circunstâncias,

Porém, em outras situações, “o melhor” e as “restrições” podem estar mais próximos. No linguajar dos economistas, tudo depende dos parâmetros. Este seria o caso em que a despoluição eficiente do rio Tiete fosse de 90%. O diálogo, então, seria possível e as duas Culturas poderiam cooperar.

Nas palavras de Snow:

“O ponto de contato de dois assuntos, duas disciplinas, duas culturas – de duas galáxias, até onde isto vai – deveria produzir chances criativas. Na história da atividade intelectual, foi onde algumas descobertas aconteceram”²¹.

As culturas da Arte e da Economia parecem, à primeira vista, irreconciliáveis. Porém, existem pontos de contato aonde as duas culturas podem dialogar. Portanto, as chances para criar não estão no vácuo. É só preciso fazê-las se materializarem.

CONCLUSÃO

Em sua Rede Lecture de 1959, o renomado físico-químico Charles Percy Snow lamentou o abismo e a incompreensão que separavam duas importantes culturas modernas: a das ciências exatas e a

²¹ Snow (1959), página 9.

cultura literária tradicional. Na opinião de Snow, este abismo “estava se aprofundando diante de nossos olhos” a ponto das duas culturas mal se tolerarem.

Algo parecido; apesar de não tão grave, acontece com as Culturas da Arte e a da Economia. São duas culturas que se conhecem, em certo sentido se respeitam e, na maior parte das vezes, se toleram. Mas que possuem enormes diferenças em termos de métodos, objetivos e expectativas. Portanto, existe sim um abismo entre estas Culturas. E existe também alguma incompreensão.

O objetivo deste capítulo foi analisar quatro convenções que ilustram a Cultura da Arte, e quatro que ilustram a da Economia – convenções estas que são amplamente aceitas pelas respectivas comunidades e que ilustram suas culturas

Pelo lado da Cultura da Arte, as convenções foram as seguintes: a) “Arte é o que os artistas chamam de arte” b) “A Arte possui uma aura”, c) “A Arte tem um lugar de destaque no direcionamento de doações e subsídios”, d) “A Arte que é doada não pode ser vendida”.

Já, pelo lado da Economia as convenções analisadas foram: a) “A Ciência Sombria” b) “Eficiência ao invés de Perfeição”; c) “Análise Custo-Benefício.”, d) “O Mercado é eficiente – sob certas condições”.

A princípio, as diferenças parecem irreconciliáveis; como se as duas Culturas simplesmente pensassem em idiomas diferentes. Não existiria intérprete suficientemente capaz de garantir um mínimo de diálogo.

Porém, uma análise mais cuidadosa sugere alguns pontos de contato.

Um deles é naquela menor parte do setor da Arte voltada ao mercado – onde justamente se encontram as várias contribuições na área de Economia da Arte.

Um segundo, ponto de contato, “dependendo dos parâmetros”, está na relação entre perfeição e eficiência, pois quando a diferença não for significativa também existe uma oportunidade para a cooperação.

São justamente nestes pontos de contato que o diálogo entre as Culturas pode evoluir - um espaço interdisciplinar aonde, nas palavras de Snow “algumas descobertas aconteceram”.

REFERÊNCIAS

- ABBING, Hans; Why are artists poor? The Exceptional Economy of the Arts. Amsterdam University Press, 2008.
- BENJAMIN, Walter; The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction.
- BONAMI, Francesco; Ask a curator: Francesco Bonami on the Guston Postponement, Deaccessioning, and More. ARTnews, 02 de novembro de 2020.
- CARLYLE, Thomas; Occasional Discourse on the Negro Question. Fraser's Magazine for Town and Country, Vol. XL, páginas 690-679.
- COASE, Ronald; The Problem of Social Cost. The Journal of Law and Economics, Volume III, outubro 1960.
- COLANDER, David; The Making of an Economist, Redux. Princeton University Press; 2007.
- FRIEDMAN, Milton; The Methodology of Positive Economics. Publicado em Essays in Positive Economics, University of Chicago Press, 1953.
- FRIEDMAN, Milton; The Tyranny of the Status Quo, Houghton Mifflin Harcourt, página 115, 1984.
- GALENSON, David; You Cannot be Serious: The Conceptual Innovator as a Trickster. NBER Working Paper 12599, outubro 2006.
- MUNDELL, Robert; Man and Economics. MacGraw-Hill 1968.
- READ, Leonard; I Pencil: My Family Tree as Told to Leonard Reed. The Freeman, 8, páginas 32-37, dezembro, 1958.
- ROBBINS, Lionel; An Essay on Nature and Significance of Economic Science; Macmillan and Co. ;1932.
- SNOW, Charles; The Two Cultures. New Statesman; novembro de 1956.
- SNOW, Charles; The Two Cultures. The Rede Lecture, Cambridge University Press. 1959.
- VEBLEN, Thorstein; Why is Economics not an Evolutionary Science? Reimpresso em The Place of Science in Modern Civilization, 1919.
- WERLANG, Sergio; A Economia da Semana de Arte Moderna de 1922. FGV São Paulo School of Economics Working Paper 570, Março de 2024.